

## **LITERATURA E IMIGRAÇÃO: CONVERGÊNCIAS**

Carlos Eduardo Schmidt Capela  
UFSC – CNPq

O lançamento, nos últimos anos, de uma série de ficções cujos enredos destacam experiências de personagens de origem estrangeira, vivendo em território nacional, vem despertando a atenção da crítica brasileira. Evidência disso é a publicação de uma razoável quantidade de ensaios que refletem sobre possíveis sentidos e razões deste atual interesse, de profusão aparentemente inusitada, pelos dramas e situações humanas advindos do deslocamento transnacional, ou a ele relacionados. Coerente e consistente, essa correspondência é ainda reforçada pela sua consonância com alguns dos interesses centrais da teoria literária contemporânea, em que fenômenos como cruzamentos de fronteiras, trocas e mediações culturais, a “localização” da cultura e de seus agentes, processos de seleção e exclusão, inclusive no nível representacional, entre outros, são enfatizados. Delineia-se assim, na cena cultural brasileira, um quadro marcado por uma feliz convergência entre as esferas da teoria, da crítica e da criação ficcional, de que emerge um diálogo que, combinando influxos internos e externos, projeta-se de modo imediato na atualidade.

Considerada com maior cuidado, porém, uma destas esferas, a da criação literária, revela peculiaridades que vale a pena destacar. Isso porque, do ponto de vista histórico, não é difícil constatar que trata-se no caso menos de imersão pura na atualidade que de um esforço de atualização. Ou, dito de outro modo, trata-se de um resgate que engendra, e propicia, o atual, inclusive em termos de expressão. Experiências da viagem transoceânica rumo ao Brasil e à América Latina, e tudo que as antecede e delas decorre, matéria de ficções de autores como Raduam Nassar, Salim Miguel, Ana Miranda, Milton Hatoum, Moacyr Scliar, Néida Piñon, José Clemente Pozenato, Adolfo Boos Júnior, Zélia Gattai, Samuel Rawet, Lia Luft, Fausto Wolff e

outros mais, são, afinal, parte da memória. Em larga medida, portanto, esses ficcionistas buscam, cada um a seu modo, reinscrever no presente narrativas esquecidas, desdenhadas ou desconhecidas, em maior ou menor clave ficcional. Sua inserção no passado, por outro lado, não transparece apenas no desejo de homenagear antepassados ou comunidades nacionais de origem, visto boa parte deles descender de estrangeiros. Isso porque, com seus livros, eles prolongam uma tradição que perpassa toda uma vertente da prosa brasileira moderna, em que personagens não nacionais dão substrato para considerações sobre transformações sociais e culturais ocorridas no espaço brasileiro, algumas dentre estas diretamente relacionadas à chegada dos seres por elas representados.

Para se discutir a respeito desse conjunto de ficções contemporâneas torna-se deste modo imperativo evitar perder de vista aquelas obras que as antecederam, que permitem melhor situá-las, contextualizá-las, e que por sua vez são por elas revitalizadas, ganhando com isso contexto e situação novos. Num certo sentido essas relações entre criações do presente e do passado fundam uma historicidade, relacional e essencialmente dinâmica, que não deixa de ser análoga à historicidade decorrente de relações entre nacionais e não-nacionais sobre as quais repousa toda essa série ficcional, com seus processos de inclusão e exclusão, tensões entre aproximação e afastamento, alternâncias entre estratégias antropofágicas e antipoéticas, para falar com Zigmunt Bauman.<sup>1</sup>

Tratar de toda essa vertente, dessa série, é um empreendimento que demanda grande esforço, quando menos em razão do elevado número de livros que a constitui. Apesar disso, e também dos limites desta exposição, é possível no entanto nela identificar e descrever algumas

---

<sup>1</sup> Zigmunt Bauman, “A criação e a anulação de estranhos”, em *O mal-estar da pós-modernidade*, RJ: Jorge Zahar, 1998; pp. 27-48.

tendências, ou linhas dominantes, que podem contribuir para melhor compreendê-la, de sorte que recorrências e diferenças sejam ressaltadas.

Esse exercício, baseado no contraste entre obras diversas, permite divisar nuances e balizas que nortearam diferentes modos de apreensão de indivíduos não nacionais. A partir dele, e levando-se em conta a indissociabilidade dos conceitos de nacional e não nacional, a partir dele é portanto possível recompor contornos mais salientes do mapa relativo a políticas de representação no terreno da ficção brasileira, ao menos daquela que opera com base no contraponto entre estas duas ordens, a do nacional e a do não nacional. Como o enfoque aqui privilegia esta última, ficando a primeira na contra-luz, a proposição de distinções básicas, relativas à definição e à apreensão de personagens representando indivíduos de origem não nacional revela-se fundamental e indispensável.

O passo inicial é o estabelecimento de categorias distintivas. Isso pode ser feito com base nas reflexões de Abdelmalek Sayad, que se revelam esclarecedoras. Com efeito, um exame da condição social com que personagens são identificadas permite definir, num primeiro momento, duas classes perfeitamente distintas: a dos estrangeiros e a dos imigrantes. Como do ponto de vista legal a única categoria aceita é a de estrangeiro, que subsume quaisquer outras, é preciso ultrapassar as fronteiras do estatuto jurídico para se apreender a situação de fato de seres que ultrapassam fronteiras nacionais. Assim, conforme Sayad, o imigrante é aquele em quem “os efeitos da condição social dobram os efeitos da origem nacional”, e estas, por sua vez, reiteram uma hierarquia entre nações, relação esta que — desigual em termos políticos, econômicos, culturais — divide o mundo em dois. Daí decorre que o imigrante é sempre alguém oriundo de um mundo dominado, “que só forneceria imigrantes, e todo estrangeiro proveniente deste mundo”, mesmo que permaneça pouco tempo na nação para onde se deslocou, será no mínimo “considerado como um imigrante virtual”. Já o estrangeiro, que seguindo a formulação do autor

pode ser definido como aquele em quem os efeitos da condição social anulam os efeitos da origem nacional, proveniente do mundo dominante, “mesmo se residir em país estrangeiro durante toda a sua vida, ser[á] tratado com o respeito devido a sua qualidade de “estrangeiro””.<sup>2</sup>

Embora as observações de Sayad refiram-se antes de tudo à atualidade, é possível constatar, nas ficções da série em questão, uma sensível diferença de apreciação e tratamento de acordo com o modo segundo o qual origem nacional e condição social das personagens são combinadas. Os estereótipos literários do “carcamano” e do “turco”, por exemplo, ilustram essa situação, isso para não falar na quase absoluta ausência de representações de imigrantes franceses ou ingleses na prosa brasileira de ficção. A categoria de estrangeiro, nesse sentido, deve ser reservada para a referência a personagens oriundas das nações mais ricas (ou, no mínimo, das camadas altas de nações não tão ricas), de boa posição social seja na nação de origem seja no Brasil, não raro possuidoras de educação formal, amiúde especializada, e que exercem cargos ou funções de relevo na sociedade brasileira. Imigrante, em contraste, deve ser empregado para designar personagens oriundas de nações pobres (ou das classes baixas de nações não tão pobres), com pouca ou nenhuma educação formal e que mantêm, pelo menos nos primeiros anos que se seguem à viagem, posição inferior na hierarquia social.

Uma terceira categoria deve ser introduzida, decorrente de vicissitudes do processo de povoamento do país: a de colono. O principal traço diferenciador entre esta e as anteriores é a fixação na terra, garantida pela aquisição de pequenas propriedades reservadas pelas autoridades locais. O colono, ao mesmo tempo, tende a viver em comunidades mais fechadas, formadas essencialmente por compatriotas. No mais sua situação social, e econômica, aproxima-o do imigrante e o afasta do estrangeiro. Para resumir, e simplificar, pode-se dizer que o imigrante

---

<sup>2</sup> Abdelmalek Sayad, “Imigração e convenções internacionais” e “A ordem da imigração na ordem das nações”, em *A imigração* (ou Os paradoxos da alteridade), SP: Edusp, 1998; pp. 235-263 e 265-286 (as citações são das páginas 243, 268 e 244).

possui de seu apenas a força de trabalho, que vende; já o colono possui a pequena propriedade, em que aplica o seu trabalho; o estrangeiro, por fim, possui capital financeiro, social, intelectual, muitas vezes justapostos.

Tais categorias, evidente, apesar do inevitável esquematismo, não devem ser tomadas de modo rígido. Não é difícil, por exemplo, encontrar personagens de imigrantes cujas ações se pautam pelo intuito de atingir a posição superior, a de estrangeiro, no que podem ter maior ou menor sucesso. Uma boa ilustração é João Romão, de *O cortiço*, de Aluísio Azevedo; ou Ida Pomerikowsky, a *Madame Pommery*, de Hilário Tácito. Por outro lado, como nas ficções personagens não nacionais dividem espaço com personagens nacionais, o enquadramento das primeiras em determinada categoria indica o espaço social em que irão ao menos a princípio se mover, e também o tratamento que lhes será dedicado.

A proposição de categorias básicas para distinguir representações de não nacionais por si só não é suficiente, contudo, para delinear traços gerais que possibilitam diferenciar as tendências ou linhas dominantes na série literária em foco. É necessário ainda examinar o modo como as representações são realizadas, o enquadramento a que são submetidas as personagens. Isso implica analisar diferentes percepções e juízos, pontos de vista que narradores e demais personagens projetam sobre os não nacionais, e vice-versa, quando for o caso. Algo já exposto de passagem merece ser ressaltado: que esse jogo de pontos de vista faculta divisar, pelo contraste, concepções e definições sobre o ser nacional. As políticas de representação que essas ficções realizam é por isso tributária da instauração, por vezes essencialização, de diferenças. O grau de transigência, de trânsito entre nacional e não nacional, não deixa de assinalar, não é demais repetir, negociações e tensões entre as duas ordens, ocorridas ao longo da história.

A aplicação das categorias e o exame do enquadramento permite identificar, na série ficcional em exame, três tendências principais, cada uma delas correspondendo, grosso modo, a momentos históricos distintos. O primeiro destes momentos, o único que será aqui analisado, e brevemente, estende-se de meados do século XIX até os anos de 1910. A predominância, então, é de personagens de estrangeiros, o que se deve não só a evidentes razões históricas, mas ainda a imperativos de outras planas. Porque, com a independência, tornou-se imprescindível “inventar” a nação brasileira, o que entre outras coisas implicava a tarefa de disseminar valores e códigos de conduta, em particular entre as elites nacionais, que necessitavam ser “educadas”, “civilizadas”. A introdução, no domínio da ficção, de personagens de estrangeiros revela-se nesse sentido estratégica, já que elas atuavam como modelos para a burguesia brasileira.

O sentido de urgência desse esforço de ilustração de parcelas da população nacional fica evidente quando se constata que boa parte dessas ficções a que comparecem personagens de estrangeiros é composta por peças teatrais, ou seja, textos cujas respostas às demandas e influxos do cotidiano são mais imediatas. Os estrangeiros, como visto, configuram um padrão de referência, que foi apreciado segundo duas perspectivas opostas. De um lado, surgem como exemplares, tendo exaltadas sua cultura, sua inteligência ou suas maneiras, enfim, atributos resultantes de um refinamento do espírito, de um aprendizado. Os conflitos, as relações entre estrangeiros, invariavelmente homens, e brasileiros e brasileiras, em boa parte dos textos culminam no engajamento ou no matrimônio com alguma bela donzela nacional. Longe de ser ingênuo, tal desenlace promove uma forma sutil de sanção, por parte daqueles que são distinguidos por sua ilustração, pelo prisma da razão, às virtudes naturais brasileiras, indicando-se com esse movimento uma fusão que, do ponto de vista nacional, é inegavelmente alvissareira.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Essa união não deixa de constituir uma variação do ideal de “miscigenação”, comum em romances latino-americanos do século XIX, que segundo Doris Sommer “era a via da redenção na América Latina, uma maneira de anular a diferença e construir um sonho extensamente horizontal e fraterno de identidade nacional”. Em “Amor e pátria na América Latina (Uma especulação alegórica sobre sexualidade e patriotismo), RJ: UFRJ/Ciec (col. Papéis Avulsos, n. 10), 1989; p. 21.

No plano moral, certa tendência à volubilidade, certa fraqueza de caráter, imputadas a personagens nacionais, contrastam com a retidão de princípios e de conduta atribuída a estrangeiros, o que faculta a introdução de um viés irônico, crítico, dirigido às elites nacionais. *Lição de Botânica* (1906), de Machado de Assis, ou em *Amélia Smith* (1886), do Visconde de Taunay, por exemplo, ilustram tais situações.

Mais recorrentes, no entanto, são textos, em especial comédias, em que estrangeiros são apresentados segundo um enfoque negativo, sendo caracterizados como velhacos, aproveitadores ou espertalhões cuja presença no Brasil deve-se antes de tudo ao pressuposto de que aqui seria fácil amealhar fortuna com pouco esforço. Fazendo uso da imagem de educados e empreendedores que os cerca, propalam formação especializada, conhecimento técnico, para obter de senhoras e senhores locais, inclusive políticos, capital financeiro ou social (através de casamento). Os brasileiros, por oposição, são considerados ingênuos e ignorantes, e as ações de parte deles confirma o diagnóstico. Outra parte, contudo, mostra-se consciente do puro jogo de cena realizado por estrangeiros que, graças à intervenção dos que nela se enquadram, são ao final desmascarados, sob aplausos do amor próprio e da auto-imagem do público nacional. Ocorre assim, de maneira geral, um embate entre uma ordem tradicional e uma nova ordem que desponta, em que imperam relações de corte instrumental, com a vitória da primeira sobre a segunda, o que garante o resgate e o elogio de valores antigos, postos sob ameaça. Em certos casos, personagens de estrangeiros são substituídas por brasileiros fortemente afetados pela mania de imitá-los, pelo que são ridicularizados. Variações deste esquema básico podem ser encontradas em *Os dous ou o inglês maquinista* (1845) e *As casadas solteiras* (1845), de Martins Pena; *Luxo e Vaidade* (1860) e *A torre em concurso* (1863), de Joaquim Manuel de Macedo; *O*

*demônio familiar* (1857), de José de Alencar; *O defeito de família* (1870), *O tipo brasileiro* (1872), *Dois proventos em um saco* (1883), *Caiu o ministério!* (1882) e *Como se fazia um deputado* (1882), de França Júnior.

Nesse período, o destaque conferido a personagens de estrangeiros, no domínio do teatro, repete-se na esfera da ficção narrativa, embora nesta haja maior presença de representações de colonos e imigrantes. Não deixa de ser paradigmático, nesse sentido, o romance *Inocência* (1872), do Visconde de Taunay, cujo enredo opera com base em contrastes entre sistemas e valores de referência de um estrangeiro e de sertanejos brasileiros. Emerge do livro um interessante contraponto entre o saber científico e o pragmatismo do naturalista alemão e o conhecimento empírico da natureza por parte dos nacionais, a que se somam o retraimento e a desconfiança que aquele lhes motiva, dada a dificuldade em compreender os ideais abstratos que o motivam.

*Canaã* (1902), de Graça Aranha, merece também destaque especial, na medida que seu enredo introduz personagens de colonos, alemães principalmente. Graças a isso, no romance não deixa de ser dada alguma atenção a experiências diretamente relacionadas à colonização, como dificuldades da instalação dos colonos numa natureza que desconhecem, ou a diferenças culturais entre os grupos representados, e mesmo no interior deles, por exemplo. Tais situações, entretanto, servem sobretudo como moldura. Observando-se as personagens centrais do livro, Milkau e Lentz, é fácil notar que são caracterizados mais pela condição de estrangeiros que de colonos. Ambos, afinal, provêm de boas famílias, do espaço urbano, possuem ótima educação e instrução, são estranhos, enfim, no ambiente contemplado pelo relato. O foco neles centrado faz que o enredo se afaste do universo da colonização, o que por outro lado mostra ser fundamental para os propósitos do narrador de Graça Aranha, que através deles expõe suas teses e concepções sobre



os mais variados temas, metafísicos inclusive. Isso indica a ocorrência, no livro, de uma operação de despersonalização, de sorte que as personagens centrais, embora tenham resgatadas histórias pessoais, projetos e decepções, acabam em muitos momentos por atuar como marionetes manejadas pelo narrador. A exemplo do que ocorre com Milkau e Lentz, os colonos de *Canaã* são também, em larga medida, utilizados como vetores, apontando notadamente para a riqueza e a fertilidade da natureza do país, e para atos de corrupção e desmando de autoridades locais.

Quanto a imigrantes, são poucas as ficções daquele momento em que são postos em relevo. Uma boa indicação do tipo de consideração social a eles então dedicado pode ser buscado em *Senhora* (1875), de José de Alencar. Há no romance a personagem de um italiano, um mascate, que vende objetos de higiene pessoal a Fernando Seixas. Reveladora, no caso, é a observação do narrador, que se segue à cena, de que o contato causara “pejo” a Seixas, isso mesmo a despeito de sua brevidade e da ausência de testemunhas. Exceção, nesse quadro, é o já citado *O cortiço* (1890), em que algumas personagens de imigrantes, de origem portuguesa em especial, são objeto de destaque. Ainda que o livro seja recheado de pré-conceitos, boa parte deles exemplificados com base em ações de imigrantes, não se deve negar a Aluísio Azevedo o mérito de ter evitado essencializar diferenças culturais.

Seja como for, as obras deste período, vistas em conjunto, mostram uma inclinação, no que diz respeito à representação de não nacionais, no sentido de se destacar o exotismo das diferenças imediatamente perceptíveis que, congeladas e generalizadas, não poucas vezes desandam em estereótipos, qual seja, na falência da representação.<sup>4</sup> Surgindo amiúde como seres de baixa densidade humana, estrangeiros, colonos e imigrantes são no mais das vezes objetificados. Salvo casos como o de *Inocência*, cujo ponto de vista incorpora um viés irônico,

---

<sup>4</sup> Sobre a questão, ver Homi K. Bhabha, “A outra questão (O estereótipo, a discriminação e o discurso do colonialismo)”, em *O local da cultura*, BH: Ed. UFMG, 1998; pp. 105-128.

relativizador, o lugar de onde falam estas ficções permanece inquestionado, funcionando como base ideal para a tarefa de apreciação e consideração de outros, apenas. Os não nacionais, com isso, e também muitos dos nacionais, são apassivados, são forçados a se adequar a conceitos, idéias ou moral que de antemão os enquadram, moldando-os conforme padrões mais ou menos uniformes. O processo social que reúne nacionais e não nacionais figura como grande ausência da maior parte destes textos.

Para concluir, vale indicar que as características gerais do período tendem a se dissolver, embora se prolonguem no que o segue, entre os anos de 1910 e 1950. Neste e no terceiro, que se estende até o momento atual, a atenção se desloca dos estrangeiros para colonos e em especial imigrantes. Também o modo de apreensão sofre transformações inquestionáveis. Lembrando ficções dos autores contemporâneos no início citados é possível sintetizar tal movimento: de objetos de um olhar manifestamente nacional, às personagens não nacionais é conferido, em bom número de obras, o privilégio do olhar. Resta investigar onde, se e em que medida esse novo olhar introjeta o estranhamento que lhe é inerente, condição essencial para que o lugar de enunciação não reste incólume e impoluto.